

# o homem mau

por JOAQUIM NAMORADO

Quando o homem mau soube que a seara fôra semeada por seus irmãos desesperou-se e começou a gritar:

—Não quero o campo semeado! Não quero o campo semeado! Como estava, as pedras luzindo ao sol, as papoilas, malmequeres e cardos e tojos e silvas crescendo ao abandonô, é que eu o quero.

Debalde os irmãos lhe disseram que a seara viria encher os celeiros, que poderiam assim satisfazer as suas necessidades e as de outros, que assim o campo seria útil; nada o convenceu e agarrando na enxada remexeu a terra durante dias e dias.

Quando voltou disse:

—Remexi a terra... Agora haverá de novo cardos e ortigas entre as giestas e as outras flores campestres; as silvas picarão quem for buscar mato ao meu terreno e terei ainda terrenos onde matar a caça. A seara será ao meu gôsto.

Mas quando a semente se lançou, a pior terra lhe serve para germinar. Por isso, uma

tarde, em que o malvado voltava de estar deitado ao sol, porque nunca trabalhava, um vizinho cumprimentou-o:

—Bravo, sim senhor! Linda seara tens no teu campo... Vais fazer bela colheita!

Ao ouvir isto, o outro, urrou de furor, mas duvidando ainda foi certificar-se correndo. Um largo manto verde cobria os torrões vermelhos.

Voltou a casa praguejando, e, à noite, depois da ceia, quando todos, cansados do pesado trabalho do dia, se iam deitar, proclamou:

—Hoje, fui ver o campo... Apesar de todo o meu trabalho a má semente germinou. Amanhã irei ao campo e ceifarei todos os caules rentes.

E assim fez. Mas o campo era grande, levava muito tempo a ceifar, e o mau homem, começando por um lado, indo a outro, e passando, depois, ao seguinte, ao chegar ao fim, quando supunha a sua tarefa terminada tinha que voltar de novo ao principio pois a seara aí renascera. E se acabava o primeiro era já no último que

reventava de novo a fôlha. Era um nunca acabar. E o homem, na sua fúria insana de tudo destruir, mal comia, mal dormia...

Logo que se via, lá ia ele para o campo, e só de lá vinha quando a claridade de todo se sumia. Andava com os olhos encovados, a face amarelada, o dorso dobrado. Tudo inútil; quanto mais ele se obstinava na luta inglória, com mais vigor a seara renascia.

Os irmãos bem lhe imploravam que refletisse, que olhasse ao interesse de todos e aos seus próprios, à sua saúde que definhava de hora para hora; a ninguém escutava, nem a um amigo, velho e experiente amigo, que carinhosamente o aconselhava:

—Porque teimas, insensato, em aniquilar o que é indestrutível, a força das raízes novas que nascem fundo na terra?! Tu morrerás, a terra despojará os teus ossos e músculos, e a seara crescerá no campo e dará os seus frutos. Será vão o teu esforço, inútil a tua obsessão...

Nada ouvia o homem, surdo na sua ira contra as sementes que contra a sua vontade de destruição por toda a parte renasciam.

Inútil ter revolvido a terra, inútil cortar os caules rentes sete vezes, inútil ter lançado fogo à seara, inúteis as pragas e as promessas feitas aos seus deuses; a seara voltava, cada vez mais radiosa cobrindo o campo dum bandeira de esperança dum verde vivo.

O seu dorso andava cada vez mais curvado, os olhos mais encovados, a face mais terrosa, e uma noite ele não voltou.

Foram encontrá-lo depois, pela época das colheitas, deitado de borco, morto, entre o trigo alto, as mãos cheias de terra, os olhos cheios de terra, a boca cheia de terra. E na terra floresciam as searas que se votara a aniquilar.

A seara deu os seus frutos que os cegadores levaram para o seu celeiro cantando, e a terra devorou o homem mau que esquecera a sua condição.

(Continuação da página dois)

das, graças a um novo regime económico em que o lucro será abolido e se dará a hegemonia ao consumidor» (lugar citado).

Este passo lembra-nos aquele outro de Guerra Junqueiro que o Sr. António Sérgio tão severamente criticou (*Ensaio*, tomo I, págs. 16 e 17): «E a questão económica? Resolvida por si». (Para o Sr. António Sérgio, o cooperativismo progressivo extingue o lucro com uma simplicidade incrível...) «Mas resolvida por que forma?» Agora já não é, como em Junqueiro, «pelo sacrifício de todos, pela abnegação colectiva»: é pelo sacrifício dos que têm lucros, pela abnegação dos capitalistas! Como se vê, a coisa simplificou-se!

Vê-se bem aqui ao que conduz o idealismo. Não se encontraria melhor exemplo para demonstrar ao que leva a posição filosófica do Sr. António Sérgio, ex-mestre da juventude portuguesa. E' inútil continuar o autor dos *Ensaio*s a indicar aos novos Platão como primeira leitura filosófica e Proudhon e Gide como

gulas da iniciação nos problemas sociais. E' inútil porque a gente nova sabe para onde caminha e vê nitidamente os resultados práticos das doutrinas excedidas que lhe propõem.

Uma relação inteligente, feita por um homem de incontestável valor, entre a teoria cooperativista (Charles Gide e C.<sup>a</sup>) e as ideias dos tecnocratas (Howard Scott, Frank Arkright, Stuart Chase, etc.) e dos seus discípulos (Jacques Duboin, etc.) conduz socialmente a uma utopia. Esquecem-se as condições concretas da vida económica e esquece-se o «quadro» inevitável em que têm de desenvolver-se todas as transformações sociais. A solução do Sr. António Sérgio, impregnada até à medula de utopismo, e no fundo respeitadora dos mais graves obstáculos ao regime da abundância (categorias jurídicas tradicionais, etc.)—é no fundo uma solução puramente «cultural»: não se dirige a forças políticas concretas, nem se adequa, por isso mesmo, ao momento histórico presente.

Por tudo isto, nós dissemos

e repetimos que «o que sempre nos separa do Sr. António Sérgio é o seu idealismo e a nossa suposição, fundada na análise da história, de que só a acção esclarecida, orientada por uma visão dialéctica,—de que só a acção adequada, afinal—é verdadeiramente criadora e promove o ultrapassamento das contradições históricas concretas». Fica assim bem esclarecida a nossa posição, só restando para terminarmos a frase muito sensata de Montesquieu, que foi um grande mestre da filosofia política: «Seul le pouvoir arrête le pouvoir».

P. S.—A campanha do Sr. António Sérgio pro-abundância, iniciada com a entrevista a que nos referimos, continuada através de artigos e prefácios e acompanhada de frequentes transcrições de autores estrangeiros na *Seara Nova*; aquilo a que já se chamou o «apostolado» do Sr. António Sérgio—vai produzindo os seus frutos. Os cooperativistas e alguns intelectuais, como os Srs. Dr. Silvío Lima, Julião Quintinha, etc., vão juntando a sua contribuição para o es-

clarecimento do problema da abundância.

No n.º 616 da *Seara Nova*, escreveu o Sr. Dr. Silvío Lima, com uma ligeireza de espírito que nos deixa perplexos:

«Como resolver o estado antinómico [entre a técnica científica contemporânea e a organização económica da sociedade]?

Pela renúncia à ideia (arcaica e absurda) do lucro, pela abolição do «deve e haver», pela aceitação do regime cooperativo universal fundado na justa distribuição geral e no bem-estar de todos, pelo advento do soberano «reinado do consumidor».

(E' conveniente e elucidativo aproximar esta bela tirada retórica do texto de Junqueiro atrás citado. Pode notar-se a semelhança da ideologia de 1910, palavrosa e ôca, com a actual ideologia da mesma filiação, ôca e palavrosa).

Será por não poderem ou por não quererem que os que acompanham o autor dos *Ensaio*s no seu utopismo não vêm o que há de puramente «cultural», de desligado da realidade histórica na solução cooperativista-tecnocrática?